disponibilidade interna de feijão em 79 poderá situar-se em torno de 2,42/2,66 milhões de t, números que garantiriam um consumo de pouco mais de 20 kg do produto por habitante este ano.

Por outro lado, sabe-se que a disponibilidade de feijão preto por parte dos tradicionais fornecedores do Brasil (Chile e México) é pequena, o que naturalmente importará em maiores gastos no caso de sua aquisição. Vale lembrar que, em 78, quando a oferta internacional do produto também era reduzida, a tonelada de feijão preto adquirida pelo país custou, em média, US$ 350,00/FOB.

AÇÚCAR

PERSPECTIVAS NO MERCADO DE AÇÚCAR NÃO SÃO BOAS...

O mercado mundial de açúcar vem atravessando, desde 1975, um período de depressão, com queda nos preços, e farta disponibilidade de matéria prima. Para a safra 78/79, os estoques mundiais deverão permanecer elevados, situando-se, segundo a estimativa do F.O. Licht, em 32 milhões de t, o que equivale a 36% do consumo. Considerando-se como normal um nível de estoques situado entre 25 e 28% do consumo, o mercado terá um excedente de 7 milhões de t para o período.

...PORQUE OS ESTOQUES ESTÃO MUITO ELEVADOS

Este quadro, de crescente acumulação de estoques, foi precedido de um período (69/70 a 73/74) em que o mercado defrontou-se com progressiva escassez de matéria prima. Um dos principais fatores explicativos da alteração do perfil deste mercado desde 73/74 foi o crescimento da produção mundial de açúcar a taxas médias anuais superiores às do consumo – 3,56% a.a. e 2,06% a.a. respectivamente. Durante o intervalo compreendido entre 69/70 e 72/73, estas taxas foram de 2,6% a.a. para o consumo e apenas 1,34% a.a. para a produção.

MAS HOUVE ÉPOCA EM QUE SE TEMEU A ESCASSEZ

O crescimento da produção procurou atender à expectativa de que o mercado viria a se defrontar com grande escassez de produção nos anos 70. As razões destas previsões tinham suas bases no Acordo Internacional do Açúcar (AIA) de 1968 que, pela sua estrutura de quotas de exportação, desestimulava os países com grande potencial de desenvolvimento da cultura. Ao sofrerem severas restrições em suas exportações, os países realocaram seus sistemas produtivos em direção a culturas mais rentáveis. Outros eventos importantes foram as sucessivas quebras de safra em Cuba (das 8.533.413 t, em termos de demerara, de 1969/70, para 5.349.810 t, em 72/73) e na URSS (de 9.638.000 t, ainda em demerara, para 8.200.000 t em 73/74), e a elevação dos custos de instalação e modernização das usinas.

Como fatores limitativos do crescimento do consumo, podem ser apontados os níveis de ingestão de açúcar já atingidos nas populações dos países desenvolvidos (em torno de 45 kg per capita/ano) — considerados satisfatórios — e o lento crescimento do mercado em países como China, Bangladesh, Índia e Indonésia, onde se poderia esperar uma significativa expansão do consumo. Estes aspectos, associados à baixas elasticidade-renda do produto (e_r = 0,29 para o mundo) — excetuando regiões muito carentes como a Índia (e_r = 1,02) — apontavam para uma necessidade de alteração no perfil da distribuição de renda dos países subdesenvolvidos para favorecer a esperada expansão natural do mercado consumidor.

ESTOQUES ALTOS SÃO SINÔNIMO DE PREÇOS BAIXOS...

Para a análise do mercado, os níveis dos estoques mundiais constituem bons indicadores da situação de escassez ou abundância, pois pode-se observar uma relação inversa entre mudanças nos níveis dos estoques e movimentos de preços.

Tabela 1

Estoques e Preços Nominal e Real no Mercado Mundial de Açúcar

Ano	P. nominal US¢ /lb	P. real*1 US¢ /lb	Estoques*2	Estoque/ consumo (em %)
68/69	3,06	5.61	19,177	28,39
69/70	3,40	6.01	21,174	29,58
70/71	4,35	7.40	18,801	25,45
71/72	6,38	10.46	16,940	22,47
72/73	8,79	13.09	15,951	20,65
73/74	18,70	23.78	15,892	19,85
74/75	30,48	33.97	17,305	22,28
75/76	12,88	13.69	20,441	25,58
76/77	8,29	8.98	23,330	28,12

Preço real março 77 = 100
*1 = deflator do dolar — FMI (base: março 1977 = 100)
*2 = em mil t

Uma vez constatado um comportamento cíclico para preços e estoques no mercado mundial cabe verificar as razões da queda abrupta das cotações mesmo quando os níveis de estoques não estavam ainda elevados. A conquista de uma parcela do mercado por produtos competitivos, substitutos do açúcar de cana e beterraba, incentivada no período de escassez da matéria-prima, ajudou a deprimir mais rapidamente o mercado quando da reversão do quadro.

E, NESSES CASOS, PENSA-SE DE NOVO NO ACORDO

Como recurso regulador do mercado se coloca novamente a possibilidade de um acordo internacional. Os temas em discussão permanecem basicamente os mesmos: controle da produção, preços compatíveis com os custos de produção acrescidos de

uma margem de lucro normal, determinação de quotas de exportação para os países membros, formação de estoques reguladores e intervalos de preços entre os quais as cotações deverão flutuar (US ¢ 11/lb – US ¢ 21/lb). Qualquer deslocamento deste intervalo acionaria os mecanismos reguladores de mercado que, associados à formação ou desova dos estoques, fariam com que os preços retornassem aos patamares previstos no acordo. Quando os preços se situarem entre US¢ 14 e US¢ 15 o mercado poderá ficar livre de quotas e outras limitações às exportações.

EMBORA NEM SEMPRE ELES FUNCIONEM

Muitos foram os acordos que tentaram sem êxito regular o mercado. Dois aspectos devem ser apontados. O primeiro diz respeito ao fato dos produtores só se mobilizarem na direção de acordos internacionais em períodos de crise de superprodução. O segundo é o fato de muitos dos motivos que impediram a operação dos acordos de modo satisfatório persistirem entravando a organização do mercado. Foram eles, entre outros:

1) A pouca representatividade dos países membros do acordo.
   Exemplo: em 1937, apenas 10% da produção mundial pertencia ao mercado livre;
2) A ausência sistemática dos EUA nos AIA de 1937, 1953, 1958 e 1968.
   Somente a partir de 1974, quando expirou o "Sugar Act" os EUA passaram a participar do mercado livre que teve, então, uma representação de 80% do comércio mundial de açúcar. Durante a vigência do Sugar Act (1949–1974), os EUA estabeleciam quotas a serem compradas dos países exportadores. Com esta medida, tinham assegurado seu suprimento interno e, ao mesmo tempo, ao ficarem fora do mercado livre, frequentemente o desorganizavam;
3) A resistência dos países membros em reduzir as suas quotas de exportação em períodos de excedente de produção;
4) As crises políticas entre os países.
   Exemplo: Em 1960, os EUA deixaram de importar de Cuba, provocando uma queda nas cotações pelo aumento da disponibilidade no mercado.
5) Os arranjos preferenciais que passam a suprir determinadas áreas fora do acordo.
   Exemplo: CEE e países do APC através da Convenção de Lomé e acordos entre Cuba e países socialistas.
   O novo acordo, cujas negociações iniciaram-se em 1977, defronta-se com a resistência norte-americana em ratificá-lo devido a problemas internos com os produtores de açúcar que reinvindicam reserva de mercado garantida para seu produto. A importância dos EUA está em sua destacada participação no mercado – é o maior importador líquido. Para 78/79, estima-se suas necessidades de importação em torno de 5,0 milhões de t.

OS EUA ENTRE A RATIFICAÇÃO E O "SUGAR ACT"

De 1974 até o verão de 1976, os preços no mercado livre eram ditados, em grande extensão, pelos preços pagos aos plantadores norte-americanos de cana e beterraba e também pelos preços pagos pelos seus consumidores. A partir do verão de 76, as co-

tações do mercado livre se situaram abaixo do custo de produção norte americano, o que levou à discussão de nova legislação açucareira.

A reedição do sistema do "Sugar Act" pelos EUA resultaria em prejuízo do mercado mundial e dificultaria a recuperação das cotações. Atualmente, discute-se um programa interno norte-americano que, uma vez efetivado, permitirá o ingresso daquele país no Acordo Internacional do Açúcar. Isto resolvido, poder-se-á caminhar no sentido da recuperação do mercado.

A CEE PODE AJUDAR

O comportamento da CEE, que se mantém à margem do AIA mas tem um excedente exportável da ordem de 2,54 milhões de t, deve ser ponderado. Em princípio a Comunidade estaria disposta a limitar sua participação no mercado no sentido de favorecer sua recuperação. Entretanto, o demorado início do acordo tem provocado um comportamento agressivo da CEE no mercado. Este comportamento poderá ser seguido por países signatários do acordo detentores de estoques elevados.

ASSIM COMO ALGUNS EVENTOS CIRCUNSTANCIAIS

Eventos circunstanciais, se associados à entrada em operação do AIA de 1977 poderão ajudar o mercado no seu caminho em direção ao piso mínimo de Us ¢ /lb. A URSS, por exemplo, poderá aumentar sua necessidade de compras em 78/79 no mercado livre devido a problemas climáticos que afetaram sua produção. As alternativas na política interna da China, por outro lado, poderão provocar maiores importações de sua parte. Finalmente, problemas monetários internacionais poderão beneficiar o mercado de produtos agrícolas.

O mercado de futuros, entretanto, ao apontar para as negociações praticadas, em termos reais (cotações em torno de Us¢ 9,50 para o final de 1979) revela certa descrença na pronta recuperação dos preços.

E O BRASIL NISSO TUDO?

Dentro deste contexto, cabe situar o caso brasileiro. Ao se tornar signatário do Acordo de 1977, o Brasil teve sua quota de exportação limitada inicialmente em 1,95 milhão de t. para 78, e reduzida posteriormente para 1,91 milhão de t., com uma margem adicional de 10.000 t. Portanto, as condições do acordo resultaram para o país em uma contração nas exportações da ordem de 25% em relação ao ano anterior, pois efetivamente se exportou 1,92 milhão de t. em 78.

Com a alternativa de exportação restrita ao tamanho de sua quota e, como o setor vinha atravessando sérias dificuldades econômicas e financeiras, a atuação do Programa Nacional de Álcool representou, ainda que temporariamente, um alívio para os produtores.

Os problemas que conturbavam o mercado decorriam da insufiência do preço oficial atribuído ao açúcar e à cana, além da inexistência de pesquisas genéticas sistemáticas que prevenissem a degenerescência das variedades. Finalmente, o confisco da diferença entre os preços pagos pelo IAA aos produtores e aquele obtido com as exportações em 73 e 74 contribuiu para o agravamento da crise. Muitas

usinas que investiam em ambiciosos programas de expansão e modernização, recorrendo aos financiamentos do Fundo de Exportação, terminaram não podendo cumprir seus compromissos financeiros nos prazos contratados.

O PROÁLCOOL CHEGOU EM BOA HORA...

O Proálcool revelou-se, portanto, como projeto reativador do setor. Para direcionar a produção para o álcool foi melhorada a paridade do açúcar em relação ao álcool: de 44 litros/sc de 60 kg em 1975, a paridade foi reduzida para 42 litros/sc em outubro de 78 e para 40 litros/sc no início de 1979.

...MAS FALTA INSTITUIR A PARIDADE ECONÔMICA

A nova equivalência é mais realista do ponto de vista técnico na medida em que reflete aquilo que efetivamente poderia ser produzido de álcool renunciando-se a certa quantidade de produção de açúcar. No entanto, dado o parque industrial estabelecido e as relações de produção e custo, o indicador relevante seria a paridade econômica, ou seja, quanto custa efetivamente produzir álcool comparativamente a açúcar. Esta paridade situar-se-ia então em torno de 37-38 litros/sc.

Os atuais preços do açúcar, bem como a necessidade de recursos para fazer frente aos problemas financeiros do setor, contribuiram para o engajamento dos produtores de açúcar na produção de álcool. A crise do petróleo veio favorecer a reserva do mercado para o produto. O excedente de gasolina, obtido com o menor consumo registrado a partir da mistura de álcool na gasolina, tem sido exportado para alguns países da América do Sul e África.

SUBSTITUIÇÃO EM MAIOR GRAU DA GASOLINA POR ÁLCOOL REQUER AUMENTO DA PRODUTIVIDADE

As interrogações que persistem referem-se à possibilidade de se obter eventualmente uma substituição total de gasolina por álcool. Neste sentido, seria necessária uma expansão da área plantada dos atuais 2,5 milhões de hectares para 3,3 milhões de ha, desde que se associasse a esta área processo de irrigação, certamente envolvendo custos elevados. De outra forma, serão necessários 9,2 milhões de hectares, o que implicará em grande expansão da produção para um programa de resultados ainda incertos.

SOJA

INFLAÇÃO VS BALANÇO COMERCIAL

Mais uma vez o país tem que escolher entre assegurar o abastecimento interno e expandir as exportações de soja, em grão ou na forma de derivados. E o governo